

IDENTIDADE NA ESCRITA POÉTICA DE CAIO FERNANDO ABREU

IDENTITY IN THE POETICAL WRITING BY CAIO FERNANDO ABREU

José Pereira dos Santos Filho **1**
Carlos Roberto Ludwig **2**

Resumo: O objetivo desta pesquisa é analisar um viés pouco conhecido do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu: a poesia. Para tanto nos deteremos às temáticas recorrentes como as questões da identidade presentes na obra *Poesias Nunca Publicadas de Caio Fernando Abreu*, publicada em 2012. Para alcançar tal objetivo recorreremos a teóricos como Stuart Hall, Zygmunt Bauman e Tomaz Tadeu da Silva para embasar a temática da identidade nos poemas. Quanto aos aspectos temáticos, discutiremos os conceitos de Identidade na pós-modernidade; Identidade e Subjetividade; Identidade e Diferença. A obra apresenta de forma relevante, significativa e irônica uma multiplicidade de significados que transmite todo o amargo, melancolia, medo, dúvida e esperança de forma ponderosa, o erotismo, as relações homoafetivas e homoeróticas em forma de poesia.

Palavras-chave: Poesia. Identidade. (Homo) erotismo. Melancolia.

Abstract: The goal of this research is to analyze a quite unknown work by the Gaucho writer Caio Fernando Abreu: his poetry. Thereto, we will focus on the recurrent themes such as identity depicted in his work *Poesias Nunca Publicadas de Caio Fernando Abreu*, published in 2012. To achieve this goal, we turned to theoreticians such as Stuart Hall, Zygmunt Bauman and Tomaz Tadeu da Silva to discuss the issue of identity in the poems. Regarding the thematic issues, we discuss the concepts of identity in post modernity; identity and subjectivity; identity and difference. The work present in a relevant, significant and ironic way a multiplicity of meaning which conveys the bitterness, melancholy, doubt and hope in a pondered way, the eroticism, homoerotic relationships in the form of poetry.

Keywords: Poetry. Identity. (Homo) Eroticism. Melancholy.

Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) **1**
e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto
Nacional. E-mail: josefilhooi@hotmail.com

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul **2**
(UFRGS), docente do curso de Letras e do Mestrado em Letras da Universidade
Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional.
E-mail: carlosletras@uft.edu.br

Introdução

Este artigo é resultado da apreciação da produção literária do autor Caio Fernando Abreu, no que se refere à escrita de poemas, um viés pouco conhecido do escritor. Suas obras há algumas décadas, vêm fomentando discussões acerca de suas diversas abordagens, tal como a produção poética, pouco explorada pela crítica literária. A partir dos poemas escritos pelo autor, podemos analisar vários temas, dentre eles sua autobiografia, (homo) erotismo e melancolia, vividos durante o período da Ditadura Militar no Brasil (1964 - 1985) até a morte do autor (1996).

Na obra *Poesias Nunca Publicadas de Caio Fernando*, não existe uma ordem organizacional dos temas, pelo contrário, eles se entrelaçam ao mesmo tempo em que uma poesia pode ser considerada melancólica, ela traz traços de identidade e diversas interpretações, outro fato que chama atenção são as datas, que aparecem sempre no final da maioria dos poemas, algumas com dia, mês e ano e local. Há uma sequência numérica no livro, como forma de organização dos poemas, a cada década que separa os escritos, há uma numeração crescente como título de alguns poemas que não possuem título com palavras. Como temática abordada teremos inicialmente poemas que tratam sobre a identidade do autor, no que se refere a percepção e definição de si. Nesse artigo, serão analisados alguns sobre o erótico de seus poemas e, por fim, a análise da temática melancolia em seus poemas. Serão analisadas teorias sobre identidade e poemas relacionados a esse tema.

Identidades na Contemporaneidade

A palavra identidade tem origem na filosofia e sua etimologia vem do latim *idem* que significa igualdade e continuidade. Utilizando esse vocábulo para nos referirmos a algo ou alguém que é igual ou pertencente a um grupo, porém diferente dos outros, mas idêntico a si mesmo. Sobre isso Silva nos diz que:

Utilizo o termo identidade para significar os pontos de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado os discursos e as práticas que tentam nos 'interpelar', [...] por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode 'falar'. (SILVA, 2014, p. 111-112).

A definição e conceito de identidade é tema de debate por vários estudiosos no decorrer do tempo, trazendo à tona discussões com base na psicologia, filosofia, antropologia e sociologia. Inicialmente ela era vista como algo ligado intimamente à noção de um sujeito unificado, mas, com o passar do tempo, vemos que essa ideia não tem relevância para os estudos identitários.

Na contemporaneidade vemos a identidade como a natureza fluida, polissêmica e móvel, bem diferente da ideia de sujeito uno. Os grupos silenciados adquiriram uma fala reivindicatória graças à globalização e fizeram emergir vários sujeitos com identidades diferenciadas. "A ideia de que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes e que agora se tornaram totalmente deslocadas é uma forma altamente simplista de contar a história do sujeito moderno. (HALL, 2015, p. 17)." Podemos relacionar esse sujeito com o eu-lírico presente nos poemas de Caio Fernando Abreu, que se apresenta como um sujeito fluido, fragmentado, dilacerado pela repressão, angustiado, melancólico e sempre com medo de morrer fisicamente, pois a morte psicológica se processava aos poucos.

Um dos importantes aspectos a ser analisado na poesia do autor Caio Fernando Abreu é o diálogo de seus escritos com o mundo, com seu íntimo e sua identificação. A poesia abaixo nos traz um pouco do universo do autor em relação a suas temáticas e, principalmente, em relação a quem ele era.

17 – CAIO

Um oceano de lágrimas
sob o asfalto
barco

sem destino próprio

sereno na composição

das palavras
que fascinam
descobrem

um ser no mundo
fruta madura
exposta ao público
sem tempo
de apodrecer

à procura de um lugar
de ser
imediatamente caio. (ABREU, 2012, p.205).

Na primeira estrofe temos uma autodefinição que, embora sem nexos, nos provoca um choque quando ele coloca um “oceano de lágrimas/ sob o asfalto/ barco”. Logicamente o barco deveria estar no oceano, porém ele se encontra no asfalto, mas, por quê? Sobre essa característica peculiar da poesia, Hugo Friedrich (1978) enuncia que “Esta junção de incompreensibilidade e de fascinação pode ser chamada de dissonância, pois gera uma tensão que tende mais à inquietude que à serenidade. A tensão dissonante é um objetivo das artes modernas em geral.” (FRIEDRICH, 1979, p. 15). Os poemas do autor Caio Fernando Abreu carregam consigo marcas profundas dessa dissonância, no momento que a maioria deles causam esse estranhamento e, ao mesmo tempo, seduz que os lê.

Na poesia acima percebemos ainda uma ironia, o asfalto seria um lugar onde o eu-lírico não queria estar e esse fato se confirma quando ele coloca que o barco está “sem destino próprio” no quarto verso. Interessante frisar sobre o eu-lírico e o autor, uma vez que são objetos diferentes, nesse sentido, podemos dizer que o eu-lírico é a voz que fala no poema e nem sempre essa voz equivale a voz do autor. Percebemos nesse poema que ambos são a mesma pessoa, o autor do poema tem sua fala inserida no mesmo. “O eu-lírico e o autor são seres diferentes, mas mantêm entre si laços de intimidade. Um precisa do outro. O eu-lírico, ou sujeito-lírico [...], é a voz que enuncia.” (BRISOLARA e MEDINA, 2014, p.6). Assim, o eu-lírico é o recurso que possibilita a criatividade do autor, o que torna o texto criativo e poético.

A seguir, ele relata sobre sua produção poética autodenominando-se um autor “sereno na composição das palavras que fascinam descobrem um ser no mundo” (ABREU, 2012, p. 205). Palavras estas que são, na maioria das vezes, um grito de socorro, um apelo para se realizar e construir sua identificação. Nos versos finais, o eu-lírico usa metaforicamente palavras para se cognominar, buscando sua identidade em coisas simples, mas que são colocadas de forma complexa: “fruta madura / exposta ao público / sem tempo de apodrecer / a procura de um lugar de ser / imediatamente caio”. Esses estranhamentos são marcas da dissonância na lírica moderna, pois, “a dissonância é tão pouco uma portadora de desordem, assim como a consonância é uma garantia de segurança. Isto é válido em toda a extensão também para a lírica.” (FRIEDRICH, 1978, p.16). Ao mesmo tempo em que a dissonância causa o estranhamento, ela também é portadora da segurança, como se fosse um efeito duplo desejável. Nos versos 10 a 14 do poema, inferimos sua identidade como pessoa, poeta, que se sente como uma fruta já madura, ou seja, já experiente, buscando um apelo para viver como deseja e fazer o que ansiava, porém “[...] a dor e a insegurança causadas pela ‘vida em sociedade’ exigem uma análise paciente e contínua da realidade e do modo como os indivíduos são nela ‘inseridos’” (BAUMAN, 2005, p.8).

Assim, o autor Caio Fernando Abreu construiu seu legado e sua autoimagem em uma época de tamanha repressão política e social, que lhe trouxe como consequências a angústia, o medo e repressão vividos e retratados em suas diversas produções poéticas. Sobre a questão da identidade, Bauman (2005) nos diz que é “essencial colher a ‘verdade’ de todo sentimento, estilo de vida e comportamento coletivo. Isso só é possível quando se analisam os contextos social, cultural

e político em que um fenômeno particular existe, assim como o próprio fenômeno.” (BAUMAN, 2005, p.8).

Na dinâmica e incessante construção da identidade, o sujeito carrega consigo marcas que servirão para a construção fluida de uma identidade que nunca será engessada em si mesma, pois o ser humano é um ser social e se constrói coletivamente e reflete isso no seu processo de estar sendo, deixar de ser, ou voltar a ser, nesse infinito processo mutatório do eu, que Hall coaduna que:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada. (HALL, 2015, p.24).

A questão da identidade vem sendo discutida com grande enfoque nos estudos culturais, trazendo à tona ideais de sua definição e como ela se organiza. Em primeiro lugar, devemos levar em consideração os enfoques dados para as três concepções de identidade. De acordo com Hall, a divisão histórica da identidade se dá em três concepções: O primeiro é o sujeito do Iluminismo que vê a pessoa humana como algo intocável, equilibrado; O segundo é o sujeito sociológico que já não se apresentava mais tão independente, pelo contrário, era formado nas relações com outras pessoas relevantes para ele. “A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público.” (HALL, 2015, p. 11). E o terceiro momento é o sujeito pós-moderno, que não possui identidade fixa ou perene. Segundo Hall, 2015,

A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados pelos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2015, p. 11-12).

Assim, se constrói a identidade do sujeito, através de sua experiência, continuamente pelos costumes e culturas que convivemos ao longo da vida, em um processo constante de idas e vindas de identificações, ou negações destas. Na primeira concepção, considerava-se “a pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado [...] que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo” (HALL, 2015, p.10). Corroborando com a ideia anterior, Bauman afirma que: “A identidade – sejamos claro sobre isso – é um ‘conceito altamente contestado’. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade.” (BAUMAN, 2005, p.83). Esse sujeito do iluminismo, citado, é um sujeito centrado, coerente, em tese, um homem branco, heterossexual, europeu, de classe média ou alta, dotado de total capacidade da razão, que detém essas características. Essa é a visão do sujeito iluminista, como algo ainda definido como puro, intocável, perfeito, sem mudanças bruscas em seu comportamento e em sua essência.

A segunda concepção de sujeito é o sujeito sociológico, que apresenta a ideia de uma identidade criada na relação com o outro, buscando nas experiências com o outro os valores, sentidos e interesses, pois de acordo com essa visão “a identidade é formada na ‘interação’ entre o ‘eu’ e a sociedade” (HALL, 2015, p.11). O exterior tem relação direta com o mundo pessoal e o mundo público, um sujeito que busca uma evolução em conjunto, seguindo a tendência dessa evolução, notadamente ele precisa do outro para evoluir.

Com esse sujeito, surge o sujeito pós-moderno, o qual sua identidade é mutável se adequando e se transformando pelos sistemas que nos rodeiam. Para Hall (2015), “o sujeito pós-moderno, conceituado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”. (HALL, 2015, p. 11). Não há como mensurar a construção da identidade sem fazer uma relação direta com o ambiente que o indivíduo se encontra, não díspar Caio Fernando Abreu, através de suas experiências vividas nos mostra seus pensamentos e quem ele era através de seus textos.

O sujeito pós-moderno é aquele que não tem apenas uma identidade, ao contrário, possui várias, mutáveis, se apropria de diversas culturas e cria seu modo de vida a partir disso e de vários outros fatores, é assim, por dizer, um sujeito deslocado, descentrado e sem certezas. É esse sujeito que é representado nos poemas da obra *Poesias Nunca Publicadas de Caio Fernando Abreu*. No poema a seguir, vemos o sujeito da concepção de sujeito pós-moderno, cheio de incertezas.

10

há sempre um dia em que não se morre
porque morrer seria redundância
e reduzida à sua essência mais secreta
a vida continua pulsando porque seria
mais difícil estancá-la que continuar
assim, seco, coração anoitecido
pela sombra e a soma de todos os desencantos,
[sem rumo algum pelo/sem sentido de todas as coisas]*

há sempre um dia em que se tem vontade
de expor aos passantes a chaga aberta,
como os mendigos expõem feridas nas calçadas,
chapéu ao lado, desprezo ou simplesmente nojo
mas tão difícil mostrar cicatrizes quando a vida
foi ensinando, lenta, o jogo necessário de escondê-las.

há sempre um dia em que nos perguntamos
fui eu quem me fez assim ou me fizeram?
e a resposta importa pouco, importa nada;
seja qual for, não voltará jamais o que perdeste
em alguma esquina do caminho, não sabe onde,
não sabemos como, e mesmo o choro então é pouco para
[tua dor

E ainda que compres rosas ou vás ao cinema ou cantes
uma canção qualquer, o que persiste é a morte
com seu roteiro de vermes e distâncias.

no dia seguinte ao dia em que não morremos,
iniciados na tarefa de tecer o inútil
trocamos os lençóis, lavamos o rosto, arrumamos a casa e
[partimos para a rua
Sem ninguém perceba o epitáfio sobre a fonte.
18 de agosto de 1980. (ABREU, 2012, p.96 – 97).

Na primeira estrofe do poema encontramos a temática da morte. De forma irônica, o eu-lírico aborda a morte afirma que “morrer seria redundância/ e continuar vivo lhe trás sentimentos ruins, e sem sentido de continuar viver. /[...] continuar assim, seco, coração anoitecido [...] /sem rumo algum pelo/sem sentido de todas as coisas” (ABREU, 2012, p.96). O termo “seco” presente no verso 6 do poema, nos remete a refletir sobre um sujeito que perdeu os sonhos e as esperanças, seria esse o motivo de tal *secura*?

Ao citar que “morrer seria redundância”, ele faz uma referência à Ditadura Militar e aos problemas do sujeito enfrenta, que mata e silencia o sujeito, essa redundância significa que ele já está morto? Não no sentido literal da palavra, mas seu sentido de viver, de se expressar, de voltar a ser quem já foi, ou se reinventar como alguém novo. A expressão “coração anoitecido” presente na primeira estrofe nos remete à ideia de cansaço, esgotamento sentimental, que já passou várias noites sofrendo. É comum, na produção poética de Caio Fernando Abreu, metáforas que falam de sentimentos e a questão do não-dito falar mais que algo explícito.

A seguir, o eu-lírico sente vontade de expor essa dor que sente, porém, as repressões causadas pelo regime militar e pelo preconceito fazem com que ele a esconda. “Há sempre um dia em que se tem vontade de expor aos passantes a chaga aberta” (ABREU, 2012, p.96). Essa “chaga” seria a aflição, a dor sentida e mesmo com essa vontade de expor, ele percebe que é “tão difícil mostrar as cicatrizes quando a vida foi ensinando, lenta, o jogo necessário de escondê-las” (ABREU, 2012, p. 96). Essa vontade de gritar, colocar para fora, a dor sentida e acumulada que ao decorrer do tempo foi-se transformando em uma pequena chama, que apesar de queimar, não causa tanto impacto, pois já se habituou ao longo da vida, tanto que chega a escondê-la como se ela nem existisse, ou esse sofrimento estava cessando? Sobre essa incerteza Friedrich nos diz que: “Ninguém escreveria versos se o problema da poesia consistisse em fazer-se compreensível” (FRIEDRICH, 1978, p.16). Essa é um dos muitos aspectos da poesia: não ser totalmente compreensível, deixar nas entrelinhas mensagens e interpretações.

Nas últimas estrofes do poema, temos uma busca pela identidade, quem ele é e sua revolta em relação às perdas e a vida continua na mesmice de sempre e vive-se até chegar o dia de escrever o epitáfio na testa.

Há sempre um dia que nos perguntamos/ fui eu quem me fez assim ou me fizeram?/ E a resposta importa pouco, importa nada; [...] no dia seguinte em que não morremos,/ iniciados na tarefa de tecer o inútil /trocamos lençóis, lavamos o rosto, arrumamos a casa e /partimos para a rua /sem que ninguém perceba o epitáfio sobre a frente./18 de agosto de 1980. (ABREU, 2012, p. 96 – 97).

Percebemos em toda a poesia a temática sobre a rotina de vida, referenciando sempre à morte, ao desgosto pela vida e um questionamento sobre si mesmo, sobre a identidade. “A ênfase na representação e o papel-chave da cultura na produção dos significados que permeiam todas as relações sociais levam, assim, a uma preocupação com a *identificação*” (NIXON, 1997, apud SILVA, 2014, p.18). Tomaz Tadeu da Silva, ao citar Nixon, nos traz um questionamento sobre a representação, como o sujeito está sendo visto pelo outro, relacionado à cultura pela produção de significados que traz à tona um debate sobre como o outro os veem.

Os anos 1970 foram palco de profundas transformações sociais e no modo de pensar das pessoas, os discursos se baseavam em uma sociedade multicultural. No Brasil, mesmo com o regime político da Ditadura Militar, existiam pessoas que buscavam esses discursos sábios que afloravam a identidade diversificada, dentre eles, o autor Caio Fernando Abreu, que através dos seus escritos, tentou retratar a identidade de vários indivíduos, mesmo que às vezes isso lhe trouxe severas consequências, como perseguições, prisão, injúrias e outros.

Também há algumas evidências da terceira consequência possível da globalização – a produção de *novas* identidades. Um bom exemplo é o das novas identidades que emergiram nos anos 1970, agrupadas ao redor do significante “*black*”, o qual, no contexto britânico, fornece um novo foco de identificação *tanto* para as comunidades afro-caribenhas *quanto* para as asiáticas. (HALL, 2015, p. 50 – 51).

Assim, emergiu identidades coletivas, algumas diferenças são mostradas claramente outras são ocultadas, pois as identidades não têm teor unificado, existem paradoxos em seu interior, oposição em nível coletivo e individual. Empiricamente podemos relacionar, historicamente, a identidade, embora pareça indiscutível, porém torna-se mais persuasivo.

A linguagem é um dos aspectos centrais levado em consideração nos estudos sobre identidade na análise da socióloga Kate Woodward. Através dela as identidades ganham significados. “A representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações em seu interior” (WOODWARD, 2004, p. 8). Ainda sobre a linguagem, Michael Foucault nos diz que:

Da mesma forma, mas com alguma transposição, a linguagem se dá por tarefa restituir um discurso absolutamente primeiro

que, no entanto, ela só pode enunciar se acercando dele, tentando dizer a seu propósito coisas semelhantes a ele, e fazendo nascer assim, ao infinito, as fidelidades vizinhas e similares de interpretação. (FOUCAULT, 2002, p. 57).

Os símbolos também carregam o poder de expressar várias identidades, por exemplo, alguém usando um crucifixo nos remete que ela tem uma identidade religiosa, uma pessoa usando vestimenta com a bandeira do arco-íris, representaria que ela pertence ou apoia a diversidade sexual, ou podemos pensar ao contrário que esses indivíduos não pertençam a esses grupos identitários, mas seguem padrões de moda e pertençam a esse grupo de pessoas que gostam de usar símbolos ou acessórios que estão em alta. Segundo o linguista suíço Ferdinand de Saussure, “a linguagem é, fundamentalmente, um sistema de diferenças.” (SILVA, 2015, p. 79). Sobre isso Derrida diz que:

Mas a natureza da linguagem é tal que não podemos deixar de ter a ilusão de ver o signo como uma presença, isto é, de ver no signo a presença do referente (a coisa) ou do conceito [...] afinal, o signo está no lugar de alguma outra coisa. [...] o signo carrega sempre não apenas o traço daquilo que ele substitui, mas também o traço daquilo que ele não é, ou seja, precisamente da diferença. (DERRIDA apud SILVA, 2015, p. 78 – 79).

A identidade se expressa, portanto, através também dos símbolos, que são componentes da linguagem. Os símbolos são muito usados nos escritos do autor Caio Fernando Abreu, ele utiliza desse recurso linguístico para metaforizar, ironicamente, fatos da vida real, denunciar e transgredir as ordens impostas, mesmo de forma implícita. Vemos essa problemática no poema

15 – ESTALA, CORAÇÃO DE VIDRO PINTADO!

Meu olhar diz tudo.
Mas você não entende essa linguagem.
Meu coração diz tudo.
Mas você não escuta essas palavras.
Digo tudo o tempo todo
Em silêncio, digo tudo.
Corro para o mar e grito
“Estala, coração de vidro pintado!”
As rochas ouvem
as gaivotas ouvem
o sal, a areia, os montes ouvem.
Mas você não ouve nada. (ABREU, 2012, p.203).

O poema “Estala, coração de vidro pintado!” tem o título idêntico ao último verso do poema “Esta Velha Angústia” de Álvaro de Campos, “[...] Júpiter, Jeová, a Humanidade —/ Qualquer serviria, / Pois o que é tudo senão o que pensamos de tudo? /Estala, coração de vidro pintado!” que é um dos heterônimos mais célebres de Fernando Pessoa, verdadeiro *alter ego* do escritor português Fernando Pessoa, ele fez uma biografia para cada uma das suas personalidades literárias, que as chamou heterônimos. O título já nos mostra uma sugestão sobre o coração relacionado aos sentimentos; coração de vidro nos remete a interpretação de algo frágil, vulnerável, que ao mesmo tempo que é útil pode também ser objeto para ferir.

Nos quatros primeiros versos, percebemos a temática da linguagem, através do olhar e do coração, o eu-lírico tenta se expressar, porém o destinatário não entende a mensagem. Em “Digo tudo o tempo todo em silêncio digo tudo.” O autor retoma a questão do não-dito, da informação velada, que pode ser uma crítica à ditadura militar, porém ele grita para todas as pessoas metaforicamente representadas por rochas, gaivotas, o sal, a areia e montes.

No verso “Corro para o mar e grito ‘estala, coração de vidro pintado!’ As rochas ouvem as gaivotas ouvem o sal, a areia, os montes ouvem, Mas você não ouve nada.” (ABREU, 2012, p. 203). Percebemos aqui vontade e tentativa de comunicação do eu-lírico para alguém que ele quer muito

se comunicar, podemos dizer que essa poesia tem a teor romântico, o eu que busca se comunicar com o coração com o outro, porém sem sucesso, ele grita para o mundo que seu coração de vidro pintado estala, ou seja, vibra que se manifesta.

Corroborando com as ideias apresentadas, podemos elencar alguns questionamentos sobre a identidade, são eles: o que é identidade? Como ela se concebe? É constituída por si só ou por meio da sociedade? Para responder a essas perguntas Hall nos diz que “a identidade está relacionada com a transformação na ‘modernidade tardia’, especialmente ao processo de mudança identificada como ‘globalização’ e o ‘impacto sobre a Identidade cultural’”. (HALL, 2015, p. 13). A identidade é a busca pelo eu, quem eu sou, qual grupo pertencço e outro ponto principal relacionado à busca da identidade é a diferença, que através dela, nos enquadrados naquilo que não somos para chegar ao que somos, com um fluxo contínuo de mudanças. Nessa lógica, a Identidade do indivíduo é construída pela necessidade de sobrevivência e pelas intrínsecas variabilidades das relações sociais no espaço em que o sujeito está inserido. Para Bauman (2015),

A ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objeto’; como uma coisa que ainda precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (BAUMAN, 2015, p. 21-22)

A construção da identidade está relacionada com o contexto, considerando as intervenções sociais e peculiaridade de cada tipo de Identidade e como ela se interliga ao ser social, buscando na sociedade suas necessidades. Nessa acepção, destacamos que a identidade do indivíduo é construída pela indispensabilidade da sobrevivência, bem como a essência das relações sociais, sua delimitação do espaço e tempo que o indivíduo está incorporado.

O sujeito, como ser social, pertence a um contexto de relações comunicacionais, que age de diversas formas, segundo o envolvimento ao que é estabelecido antecipadamente. Ele pode se flexibilizar no que se refere a suas ações perante os processos de transformações sociais e suas peculiaridades, podemos assim descrever que existe relações de poder e subjetividade durante todo o processo de construção da identidade. “A construção de identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam” (BAUMAN, 2005, p. 91). A construção da identidade é um processo infundável, pois nos reconstruímos a cada dia, a cada experiência.

A vida do homem moderno, cheia de obrigações leva as pessoas a um estado de ansiedade elevado, atingindo sentimentos de tristeza profunda e falta de significados para a vida. Podemos perceber isso na poesia a seguir.

5

[...] Quero de volta meu riso
quero de volta meu passo:
quebrei todas as cristaleiras da casa
ou me transformaram para sempre
numa flor de plástico
inútil, desbotada, coberta de poeira...
2 de agosto de 1974 (ABREU, 2012, p.40).

Nesta poesia sem título, enumerado com “5”, encontramos um eu-lírico sem nenhum tipo de alegria, já cansado da vida. No primeiro verso dessa estrofe, existe a clara anunciação de alguém que se tornou depressivo, sem perspectiva para continuar. Em: “quero de volta meu passo” do segundo verso, podemos entender como a continuação da vida, da rotina, que dê sentido para continuar a viver.

Ao afirmar “quebrei todas as cristaleiras da casa” existe um eu revoltado, cansado de tudo,

que se desfaz de algo tão frágil como esse móvel e o que se tem dentro dele, a metáfora existente nos remete a “destruir” algo frágil como a vida. Por fim, ele se compara a uma “flor de plástico”, que só serve para decoração, e usa adjetivos que relaciona a seu estado de espírito e emocional. A identidade desse eu-lírico é trazido como alguém “inútil, desbotado e coberto de poeira” tudo metaforicamente representativo de um estado de desgraçosidade diante da vida.

A perda da razão da vida é referenciada na obra de Hall (2015), quando ele nos afirma que “essa perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmo – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo”. (HALL, 2015, p. 10). Acontece quando o sujeito se move para outra identidade, uma vez que esta não está inserida em um contexto próprio de ter um sentido para viver. Saindo do centro de sua identidade, gerando assim uma crise de identidade, ou seja, um estado de incerteza, vivido por muitos indivíduos, a cada dia mais, com o passar do tempo, em uma sociedade em que os valores e os sentimentos são tão voláteis.

Hoje, os padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “auto-evidentes”; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. E eles mudaram de natureza e foram reclassificados de acordo: como itens no inventário das tarefas individuais. Em vez de preceder a política-vida e emoldurar seu curso futuro, eles devem segui-la (derivar dela), para serem formados e reformados por suas flexões e torções. (BAUMAN, 2001, p.14)

A sociedade moderna passa por mudanças constantes. É uma característica marcante desse tipo de sociedade, onde as alterações dos indivíduos que a compõe são constantes, rápidas e permanentes, essas “transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores” (HALL, 2015, p. 13). São profundas pela volatilização dos sentimentos, cultura e imposição que o ser social adquire e mantém.

As consequências dessa instabilidade identitária podem ser percebidas na poesia que analisaremos a seguir:

4

Escureci. Me tornei feio.
Às vezes já não tenho esperanças
e sei que quanto mais vivo
mais escuro fico.
Tive ou tiveram culpa? Fiz,
Fizeram de mim? Hoje
essas questões não importam.
Estou mais turvo que o ar
que envolve esta cidade doente, estou
mais doente que a cidade hoje. E
infinitamente mais pobre.
Quero deitar na minha cama e dormir
até o dia de são nunca. Antes
vou chorar encolhido mordendo os pulsos,
soluçando até o estômago doer
como se estivesse câncer
absolutamente
e nenhuma esperança.[...] (ABREU, 2012, p. 183).

Nos quatro primeiros versos, nota-se um eufemismo com a palavra escurecer, representando no contexto algo ruim, como doença, tristeza, com má aparência, desesperançoso, nos mostrando

desilusão. Ele conjuga o verbo em 1ª pessoa, o que gera uma dissonância e um estranhamento no leitor, pela antítese de viver e ficar mais escuro com isso, pois a interpretação da palavra “escuro” no contexto, seria alguém que está quase “se apagando”, ou seja, “morrendo”. O eu-lírico projeta sobre si uma “nuvem”, um escurecer que denotam essa tristeza, amargura e melancolia. Sobre a poesia moderna, Friedrich (1978) afirma que:

Quando a poesia moderna se refere a conteúdos – das coisas e dos homens [...] Ela nos conduz ao âmbito do não familiar, tornando-os estranhos, deforma-os. A poesia não quer mais ser medida em sabe ao que comumente chama realidade, mesmo se – como ponto de partida para sua liberdade [...] A realidade desprende-se da ordem espacial, temporal, objetiva e anímica e subtraiu as distinções [...] que são necessárias a uma orientação normal do universo: as distinções entre a luz e a sombra, entre a dor e a alegria, entre a terra e o céu. [...] sentir, observar, transformar [...] a lírica é tida muitas vezes, como linguagem do estado de ânimo [...]. (FRIEDRICH, 1978, p. 16 – 17).

A poesia de Caio Fernando Abreu faz parte dessa mutação do mundo, saindo do lócus da lógica da realidade, do usual, visto que a barreiras de tempo e espaço foram quebradas, através da perda da lógica, do binarismo, atenuando-se ao estado de espírito do indivíduo.

No quinto verso existe um questionamento sobre uma culpa, um questionamento também sobre quem pode ter deixado o eu-lírico daquela maneira ou foi ele mesmo quem quis assim. A seguir, ele afirma que está mais agitado que o ar, e está “doente” que na verdade seria um mal-estar ontológico e como decorrência vem o isolamento, a melancolia, comparando-se a uma pessoa doente com câncer sem mais esperanças para viver. “A identidade está profundamente envolvida no processo de representação [...] a moldagem e remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas”. (HALL, 2015, p. 41). Através das experiências, o sujeito constrói e reconstrói sua representação perante o mundo e, conseqüentemente, sua identidade também adquire a mesma locação e interpretação no social, ambas têm ligação direta e permutam suas mutações simultaneamente.

Os escritos do autor Caio Fernando Abreu são considerados, na maioria das vezes, autobiográficos, pois representam diversas fases de sua vida, desde os tempos de sua infância, seu jeito desafiador da geração de autoafirmação e sua serenidade na fase madura e consciente.

O autobiógrafo só pode tornar-se ele mesmo imitando as pessoas que imaginavam o que era ser um autobiógrafo. Singular jogo de espelhos, que mostra que a sinceridade se aprende, que a originalidade se imita, e que se trata de não somente do gênio de alguns indivíduos, mas de uma transformação geral da noção de pessoa pela aparição, na sociedade, de um novo tipo de narrativa. (LEJEUNE, 2008, p. 43).

Esse novo tipo de narrativa dos autores classificados como contemporâneos traz a realidade da vida ainda mais evidenciada nos escritos, como o caso do autor gaúcho Caio Fernando Abreu, que apesar de ter se destacado como contista, escreveu poesias que também referenciam sua autobiografia, nos desvelando vários acontecimentos e períodos de sua vida, enquanto ser denunciativo, militante, gay, melancólico e cansado da rotina repetitiva. Essa vida orgânica é pulsante nos escritos do autor.

Identidade: “Faz anos Navego o Incerto”

É necessário perceber que o ser humano nas suas mais variadas categorias identitárias não é apenas um elemento natural, pelo contrário são construídos a partir da junção de características, que se modificam ou não com o decorrer do tempo. A subjetividade está intimamente relacionada

à identidade no momento em que o processo de construção dessa identidade se dá de maneira dinâmica, através de trocas culturais. Fazendo com que existam vários “eus” dentro de um ser.

No poema a seguir, vemos a subjetividade, a incerteza predominante de alguém que continua a viver as mudanças:

22 UMA CANÇÃO PROVISÓRIA

[...] ---há um novo eu, ainda impreciso, gestados em dores,
Solidões, pobreza, melancolias, tais que só eu sei
(e deus, esse coitado, onde andaria?)
---há um novo eu, de frente mais serena
à espera da passagem desse tempo provisório[...]
Vou sendo agora, decididamente, esse
Leque quebrado, esse compasso, essa pena de pavão
espatifada. [...]
27/28 de abril de 1982. (ABREU, 2012, p. 114 -115).

“Uma canção provisória” é uma poesia dividida em três partes, inserida nos poemas da década de 80, sendo elas: I - anunciação, II - medos e presságios e III – utopia. Na primeira parte encontramos um anúncio para alguém que está por vir e que o eu-lírico se mostra como ele se encontra, o que restou dele mesmo. Na segunda parte existe um medo de anunciação, de comunicar a todos o que acontece, uma angústia por não ter o outro que ele espera ao seu lado. Na última vemos um silenciamento do desejo, culminando em alguém comparado com algo inútil. As estrofes acima são retiradas da segunda e terceira partes da poesia.

Na parte intermediária aparece um “eu” novo, mesmo trazendo amarguras, tristezas, ficando a espera que isso tudo passe. “há um novo eu, ainda impreciso, gestado em dores” (ABREU, 2012, p. 114). Finalizando, aparece uma comparação do eu-lírico com objetos, ele se compara metaforicamente com um “leque quebrado” e com uma “pena de pavão” que, apesar de bonita, está espatifada, revelando seu estado de espírito subjetivamente representativo.

Nesse sentido, Bauman (2005) afirma que “a dor e a insegurança causadas pela ‘vida em sociedade’ exigem uma análise paciente e contínua da realidade e do modo de vida como os indivíduos estão nela ‘inseridos’”. (BAUMAN, 2005, p. 8). A poesia retrata muito bem esse mal-estar que a sociedade traz aos indivíduos, causando sensações de desorientação, incertezas, características da identidade do homem moderno, indivíduos que “não se dão conta de seu sentimento de culpa, ou que apenas o sentem como um mal-estar atormentador, uma espécie de ansiedade, se impedidos de praticar certas ações.” (FREUD, 1996, p. 84). É notória a gama de ataques indiretos que a sociedade faz ao ser humano, em um sentido de qualidade de vida, temos trabalhos estressantes, relacionamentos frustrados, perdas de valores que antes eram vistos como necessários; as cobranças que esgotam o emocional e trazem a inércia, o mal-estar e perda de sentido na vida.

A subjetividade encontrada nas poesias do autor Caio Fernando Abreu nos remete a questão da não intenção de publicar seus escritos, em algumas dessas poesias, existem duas palavras completando a mesma frase, com o se estivesse por escolher a que mais se adequaria ao sentido que ele queria dar ao texto.

19

[...] O espelho mostra uma cara
de fundas olheiras, barba por fazer,
fios brancos nos cabelos
e uma teia cada vez mais densa
de pequenas rugas.
Fiz trinta e três anos ontem
Choro e soluço alto
até o peito doer como uns socos.
Sou um cachorro doente

Escondido neste quarto colorido
no meio duma cidade que não entendo
num planeta que não entendo
entre homens que nunca entendi.
Penso em cordas, giletes
comprimidos, facas. Não ousarei.
A cabeça desgoverna
errei de planeta
errei de corpo
esta história não me pertence
porque é tão triste
e no entanto é minha.
[...] Sou para sempre um homem escuro
meu sorriso não conhecerá ninguém.[...]
14 de setembro de 1981. (ABREU, 2012, p.108 – 109).

Neste poema, a fisionomia apresentada no poema nos leva a pensar em alguém que está sofrendo, depressivo, sem vaidade e que já está ficando velho. O eu-lírico vê a si mesmo, enxerga essa identidade sofrida através do espelho, como se fosse outro eu. O espelho é a representação imagética de outro “eu” além, é um momento de construção do eu e da identidade, do limite do corpo, sendo assim o eu não é um ponto de partida, mas uma constituição, esse novo eu é produzido por intermédio de uma relação com o outro. Para Lacan (1998),

Compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribuía esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem - cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*. (LACAN, 1998, p. 97).

O pensamento lacaniano nos traz a metáfora do espelho para designar mecanismo de conversão da identidade, fazendo que existam outros “eus” dentro de do ser; assim era também o autor Caio Fernando Abreu, pois ao longo de sua vida, viveu e representou vários seres dentro de si.

Nas estrofes “Sou um cachorro doente escondido neste quarto colorido no meio de uma cidade que não entendo [...] entre homens que eu não entendo” (ABREU, 2012, p. 108). Essa identificação com um animal enfermo nos faz entender como o eu-lírico se sentia perante a vida, a sociedade e tudo o que cerca, o termo doença, representa o mofo, a angústia vivida por já estar ficando velho e não se acostumar e não entender as pessoas, uma inadequação ao mundo em que vive. Chegando a seguir na ideia do suicídio como saída. “Numa sociedade que tornou incertas e transitórias a identidades sociais, culturais e sexuais, qualquer tentativa de ‘solidificar’ o que se tornou líquido por meio de uma política de identidade levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída” (BAUMAN, 2005, p. 12). Não tem como se engessar uma identidade, qualquer política ou normal para que se cumpram regras de identidade são tentativas frustradas de moldar o ser humano.

As tentativas de busca de outra identidade muitas vezes são questionadas, pois o pensamento crítico distorcendo formas identitárias. Como consequência desse atrito, o eu-lírico do poema busca na ideia de suicídio um refúgio contra a tribulação de viver em um local que ele não entende. “Penso em cordas, giletes, comprimidos, facas. Não ousarei [...] esta história não me pertence porque é tão triste e no entanto é minha.” (ABREU, 2012, p. 108). Mesmo com o pensamento suicida, o eu-lírico resolve manter-se vivo, mesmo com sua história triste e essa afirmação de ter uma história triste, retoma a questão da autobiografia, tão pulsante nos escritos do autor. Sobre isso Lejeune (1976, p.19) nos diz que:

O caso da autobiografia é muito complexo: de um lado porque nela discurso e relato são sempre intimamente misturados, é que o autobiógrafo deseja fazer-se conhecer tanto por

seu discurso como por sua história: para ele, a atitude de comunicação é fundamental. Por outro lado, porque o 'eu' que serve de base para o texto autobiográfico é uma instância múltipla e complexa. O leitor é afrontado a um duplo 'eu' que tem, ele próprio, digamos, problemas internos de identificação e de distanciamento, e que manobra para que o narratário endosse sua própria perspectiva sobre sua história.

Muitas vezes essa autobiografia é vedada na representação de personagens, ou como no caso do autor Caio Fernando Abreu, tinha como predominância personagens sem nomes, representando muitas pessoas, pois, segundo ele, nomear um personagem seria demasiadamente individual. Há uma sinestesia "Sou para sempre um homem escuro" e um sentimento de isolamento do mundo, privando-se das relações com o outro, "meu sorriso não conhecerá ninguém" (ABREU, 2012, p.109), neste momento, retoma uma identidade introspectiva, levada ao isolamento, como forma de fuga do estado psicológico, social e emocional em que vive, determinando a maneira como age e pensa.

Tornamo-nos conscientes de que o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o 'pertencimento' quanto para a 'identidade'. (BAUMAN, 2005, p. 17).

Assim podemos afirmar a volatilidade do eu em relação a construção e alterações de sua identidade ao longo da vida, através de suas experiências com o outro. Quando uma sociedade entra em contato com outra, é natural que ocorra uma troca de experiências e culturas, sem necessariamente que uma delas seja subjugada pela outra. As mudanças culturais no cerne de uma determinada sociedade levam a discussão e a necessidade da compreensão do termo "identidade". "A questão da identidade precisa envolver-se mais uma vez com o que realmente é: uma convenção socialmente necessária." (BAUMAN, 2005, p.13). Não se pode relacionar a construção da identidade sem envolver as questões sociais, pois o ser social tem nas relações com os outros suportes para desenvolver ou restringir sua identidade.

A poesia a seguir, nos mostra um ser que ficou inerte com o seu ser, com sua identidade moldada e fixada como pedras:

6 – STONE SONG

Eu gosto de olhar as pedras
que nunca saem dali.
Não desejam nem almejam
ser jamais o que não são.
O ser das pedras que vejo
é só ser, completamente.
Eu quero ser como as pedras
que nunca saem dali.
Mesmo que a pedra não voe,
quem saberá de seus sonhos?
Os sonhos não são desejos,
os sonhos sabem ser sonhos.
Eu quero ser como as pedras
e nunca sair daqui.
Sempre estar, completamente,
onde estiver o meu ser.
Porto Alegre, 1996. (ABREU, 2012, p.176).

Stone song é o título em língua inglesa, que tem como significado “canção da pedra”. No início do poema, o autor fala sobre as pedras, usando a prosopopeia para falar do “ser” das pedras, como se elas tivessem vida própria. A seguir, ele afirma: “Eu quero ser como as pedras” (ABREU, 2012, p. 176). Neste momento encontramos uma identidade simbólica, através da alegoria da pedra, metaforicamente representando alguém parado, que não deseja mudar de situação. “A figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano de fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal.” (HALL, 2015, p. 21). Ao se comparar com as pedras, o indivíduo torna-se distante de tudo e de todos, sem perspectiva de avivar sua identidade.

Apesar disso, na segunda parte da poesia, existe um pensamento melhor em relação a seu eu, pois ele relaciona seus sonhos. Ao final existe uma reafirmação de continuar a querer ser como as pedras, imóveis, obstinadas a não ter mudanças. “Mesmo que a pedra não voe, quem saberá de seus sonhos?” (ABREU, 2012, p. 176). Porém o desejo é de continuar na mesma conjuntura. Bauman (2005) enuncia:

Em nosso mundo de ‘individualização’ em excesso, as identidades são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como dizer quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, essas duas modalidades líquido – modernas de identidade coabitam, mesmo que localizadas em diferentes níveis de consciência. (BAUMAN, 2005, p.38).

Essas modalidades que existem na poesia “Stone Song”, descrevem as mudanças de identidade, relacionando os sonhos, os devaneios, ao lado do pesado, da angústia, retratando dessa forma a gama de criação, representação e autoconceitos. Voltando ao título, a “canção da pedra” não seria uma voz, um apelo para despertar o sujeito, representado pela pedra, que esta parada, sem mudanças, porém chama atenção pelo seu som quase imperceptível aos sentidos de quem pouco percebe algo comum, ou, como diria Caio Fernando Abreu, se “interessar pelo desinteressantíssimo” (ABREU, 2015, p. 93). As reflexões identitárias sugere, por meio das relações sociais, atitudes de cunho humanístico ou morais.

Podemos questionar a autobiografia do autor, toda sua obra foi pensada na representação de si, ou de várias pessoas? “O significado de sua vida seria então o sentido de toda a sua obra?”. (LEJEUNE, 2008, p. 41-44). Avaliando a pergunta em questão Lejeune afirma: “para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem” (LEJEUNE, 2008, p. 15). Essa relação é calcada em bases sólidas, pois a literatura é boa quando representa de alguma forma os indivíduos e possa trazer algo de bom para os mesmos e para quem a escreveu.

3

e todos os dias
trazer à tona meu melhor rosto
para que os outros não se assustem
para que os outros não se espantem
para que eu não me dane e sangue

e todos os dias
depurar o melhor de mim
e não deixar nenhum espinho à tona
e não deixar nenhuma dor à mostra
e não deixar nenhuma cicatriz visível [...] (ABREU, 2012, p. 181).

A poesia de número “3” presente no conjunto de poemas “sem data” da obra *Poesias Nunca Publicadas de Caio Fernando Abreu* detém a temática da identidade, pois é como se o autor falasse o tempo todo de si mesmo, de quem é ele, como está ou como pode ficar. Em “trazer à tona meu melhor rosto” podemos perceber a ocultação da dor atrás de uma aparência de um rosto criado para enganar quem o cerca ou para que ele mesmo não se frustre, com seu possível

estado melancólico, por estar tão triste evita transparecer isso. O objetivo dessa farsa sentimental é claramente retratado pelos versos: “para que os outros não se assustem para que os outros não se espantem para que eu não me dane e sangre” (ABREU, 2012 p. 181). Assim, continua a esconder o que não é bom em sua identidade, viver como se não existisse sofrimento, como se fosse outra pessoa, com total cuidado para não transparecer algo que possa causar perplexidade nas pessoas. “depurar o melhor de mim e não deixar nenhum espinho à tona e não deixar nenhuma dor à mostra e não deixar nenhuma cicatriz visível” (ABREU, 2012, p. 181).

Essa identidade ocultada seria um eu que para a visão de outrem não condiz com alguém que segue os padrões da sociedade, pois tudo aquilo que é diferente, causa estranhamento nas pessoas, em geral. O corpo social acostumou-se e se sente bem com os padrões que imposto pela elite burguesa e tudo que não venha a seguir esse padrão é considera estranho, sem valor, bizarro e anormal.

A construção da identidade, por outro lado, é guiada pela lógica da racionalidade do *objeto* (descobrir o quão atraentes são os objetivos que podem ser atingidos com os meios que se possui). A tarefa de um construtor de identidade é, como, diria Lévi-Strauss, a de um *bricoleur*, que constrói todo tipo de coisas com o material em mãos... (BAUMAN, 2012, p. 55).

O termo francês *bricoleur* pode ser definido como uma atividade que você mesmo realiza como é o caso da construção inconsciente da identidade através das relações culturais e esses tipos de identidades não são estanques, são pessoais, e isso seria a característica de um indivíduo de se perceber como o mesmo ou não ao longo do tempo. Salienta Foucault (1978) que a identidade é socialmente construída, através das relações, que possibilitam a troca de experiências com o outro. De maneira mais abrangente, a identidade pode ser compreendida como uma conclusão para algo externo e distinto dela.

No poema a seguir temos uma identidade “cansada”, que mudou com o passar do tempo e quer se forçar a mudar seu coração, corpo e cabeça, em um sentido conotativo.

35 – AS REGRAS DO JOGO/ CURVA DO TORMENTO

[...] Sou agora um homem já não muito jovem, e no momento
Sem futuro algum. Tenho alguns trastes amontoados em
[forma
de alguma coisa que chamo de casa. Fumo demais, às vezes
[bebo.
Eu não tinha esse coração. Eu mataria aquele ou aquela
que o deixou assim, um dia, tão espatifado. Jamais saberei
quem foi. Invento outros, e não me canso, disfarço o coração
arreventado e sempre forço o corpo (ou a cabeça?) a
[mergulhar
em outra história qualquer. [...]
10 de março de 1983. (ABREU, 2012, p. 138).

A poesia “As regras do jogo/curva do tormento” com título duplo, possui uma temática variada, essas regras referidas no título remetem durante todo o poema, a regras amorosas, a um amor não correspondido. Existem as duas possibilidades para o título porque, como já foi dito, esses poemas foram encontrados em forma de manuscritos, que são documentos produzidos sem a intenção de publicá-los, o que justifica a presença de rasuras, dupla opção de termos e falta de algumas palavras. A expressão “curva do tormento” do título também nos dá ideia de algo que está se acentuando como uma curva, no caso o sua aflição e angústia que vão crescendo dia a após dia. A identidade se apresenta no momento em que ele começa a se descrever: “sou agora um homem já não muito jovem, e no momento sem futuro algum.” (ABREU, 2012, p. 137). Essa autodenominação de estar sem futuro nos remete a alguém sem entusiasmo para continuar a vida.

Reflexo disso vem o consumo exagerado de drogas, como o cigarro o álcool e outras.

“Fumo demais, às vezes bebo.” (ABREU, 2012, p. 137). Esse “eu” desiludido atravessa agora por uma identidade de coração partido, sofrendo por algo ou alguém que o deixou. “Eu não tinha esse coração. Eu mataria aquele ou aquela que o deixou assim, um dia, tão espatifado”. (ABREU, 2012, p.138). Para Silva (2014),

A identidade é marcada por meio de símbolos; por exemplo, pelos próprios cigarros que são fumados em cada lado. Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa. O cigarro funciona, assim, neste caso, como significante importante da diferença e da identidade e, além disso, como um significante que é, com frequência, associado como a masculinidade. (SILVA, 2014, p. 10).

Essa identidade presente no poema é influenciada por fatores externos, incluindo pessoas, pois, “as ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (BAUMAN, 2005, p.19). Ou seja, somos o que repentinamente fazemos, ou escolhemos, ou o que deixamos nos influenciar.

Nos versos: “[...] sempre forço o corpo (ou a cabeça) a mergulhar em outra história qualquer.” (ABREU, 2012, p. 138), percebe-se que o ser humano elabora a condução de sua vida, construindo novas identidades com o passar do tempo, baseando-se em diversas rupturas que lhe oferta novas vivências dadas pelas interações sociais com as quais passou. Assim, o autor Caio Fernando Abreu buscou viver outras histórias e construir identidades múltiplas, retratadas em seus escritos, como na poesia “As regras do jogo/curva do tormento” escrita em 1983, véspera da publicação de sua obra mais conhecida e que veio destacar seu potencial como autor, a obra *Morangos Mofados*, que é um livro de contos, dos mais diversos assuntos, como identidade, melancolia, morte, medo, homoafetividade, sexo. Bauman (2005) afirma

Afinal de contas, a essência da identidade – a resposta à pergunta “Quem sou eu?” e, mais importante ainda, a permanente credibilidade da resposta que lhe possa ser dada, qualquer que seja – não pode ser constituída senão por referência aos vínculos que conectam o eu a outras pessoas e ao pressuposto de que tais vínculos soa fidedignos e gozam de estabilidade como passar do tempo. (BAUMAN, 2005, p.74).

O livro assemelha-se bastante a obra *Poesias Nunca Publicadas de Caio Fernando Abreu*, pois as temáticas são as mesmas, diferindo apenas no gênero textual. A década de 80 foi o período que mais o autor gaúcho publicou obras, e paralelamente, escrevia poesias, também em maior quantitativo que os outros anos, poesias essas que mesmo escritas, algumas inacabadas, ele não tinha o intento de publicá-las. “Os anos 1980 foram uma década de inventividade frenética. Novas bandeiras foram costuradas e erguidas, novos manifestos elaborados, novos cartazes concebidos e impressos.” (BAUMAN, 2005, p.41). Contexto de contracultura e turbulência política que se destacava esse grito através da literatura.

Considerações Finais

A obra analisada nesse trabalho, intitulada *Poesias Nunca Publicadas de Caio Fernando Abreu*, do autor Caio Fernando Abreu, é a reunião de cento e dezesseis poemas escritos sem intenção de ser publicados, de um dos maiores contistas brasileiros, que se destacou também na produção de vários gêneros literários.

Tratamos sobre a Identidade na perspectiva dos Estudos Culturais, e relacionando com a vida do autor, pois suas obras são em sua maioria autobiográficas. Baseada nos pensamentos de Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Tomaz Tadeu da Silva, dentre outros que nos ajudaram a embasar as análises poéticas. Com isso trabalhamos com o conceito de identidade, como ele se constrói e se desconstrói sobre uma natureza fluida, um espaço de constantes mudanças. Nessa perspectiva, trouxemos a análise de poemas que tratam a identidade na contemporaneidade, o primeiro que

abre com chave de ouro o capítulo é um poema autobiográfico, intitulado “Caio”, onde o autor descreve sua personalidade, seus gostos e angústias. Outro poema que chama atenção é o “Estala, coração de vidro pintado!” que trata da identidade baseada na simbologia do vidro, de algo frágil.

Em “Uma canção provisória” vemos o surgimento de um novo eu, esperando sair da tristeza. No poema “Stone Song” existe a descrição de um eu baseado nos aspectos físicos, comparando a uma pedra. E por fim temos a construção da identidade com base na diferença, um dos poemas que expressa essa diferença é o “Breve Memória” que o eu-lírico procura ele mesmo, que foi dissipado aos poucos.

Interessante notar que tanto as poesias como as personagens das obras de Caio Fernando Abreu, geralmente, não são nomeados, “outras personagens femininas de Caio, muitas não nomeadas (outra característica peculiar), vivem no limite dos sentimentos exaustivos e da eterna busca de prazer e companhia do amor, jamais alcançados” (CANDIA, 2011, p. 69). Esse fato nos traz a evidência de subalternidade, não só as personagens femininas, as masculinas também são pouco nomeadas, geralmente são homens homossexuais. O subalterno é anônimo, socialmente invisível, quando assumem sua sexualidade ou suas posições abertamente, deixam sua posição de subalternidade e passam a incomodar como as personagens de suas obras.

Referências

ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

_____. **Depoimento**. Ficções 2. Seminário sobre o Manuscrito, Casa de Rui Barbosa, out. 1990, p.81. In: CHAPLIN, L. C. Ibid. Porto Alegre: UFRGS, 2010, p.20.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman; tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRISOLARA, Valéria Silveira e MEDINA, Roberto. **Poesia e autoria: a voz que fala no eu-lírico**. Porto Alegre, 2014, 8f. X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação – SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis.

CANDIA, Luciene. **As Cartas Epifônicas de Caio Fernando Abreu: A Escrita de Urgência**. Tangará da Serra, 2011. 108f. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PPGEL da Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT.

CHAPIN, Letícia da Costa e SILVA, Márcia Ivana de Lima e. In: ABREU, Caio Fernando. **Poesias Nunca Publicadas de Caio Fernando Abreu**. Rio de Janeiro: L&PM, 2012.

FRIEDRICH, H. **Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX ameados do século XX**. Trad. Marise M. Curione. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Alburquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FREUD, S. [1914-1916] **Luto e Melancolia**. Ed. Standart brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 12 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.

LACAN, J. (1998). **O estádio do espelho como formador da função do eu**. In: J. Lacan, *Escritos*. (V. Ribeiro, trad.; pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1966).

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Trad. Jovita Maria.

NETTO, José Paulo. **Pequena História da Ditadura Brasileira: (1064 – 1985)**. São Paulo: Cortez, 2014.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathry Woodward. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, T. (org) **Identidade e Diferença: a perspectivas dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Recebido em 10 de março de 2019.

Aceito em 9 de abril de 2019.